

CAPÍTULO 6

DA GRANDE SELVA DE NÉMEA À TRANSMUTAÇÃO POÉTICA DE HÉRCULES: A PRIMEIRA AGRICULTURA DO MUNDO

Data de submissão: 05/02/2025

Data de aceite: 01/04/2025

Lúcio Flávio de Sousa Costa

Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia

entre o Homem e a Natureza, permitindo o aperfeiçoamento do conhecimento, bem como indo além da necessidade imediata de preservação da existência dos animais.

PALAVRAS-CHAVE: Transmutação poética; Hércules; Vico

RESUMO: O artigo pretende definir da obra *Ciência Nova* de Giambattista Vico (1668-1744) a primeira forma de entendimento, há uma relação poética entre o Homem e a Natureza, não uma relação filosófica entre o Sujeito e o Objeto. Pensar o início da construção do mundo social só foi possível poeticamente. Essa construção foi poética e permitiu uma relação de transmutação de sentido fantástico universal para o desenvolvimento dos conhecimentos. O ponto de partida foi poético, assim como foi identificado Hércules, um arquétipo mitológico, considerado o fundador de todas as nações como um primeiro ser político. A grande selva foi considerada pelo signo zodiacal de Leão, morta por Hércules, que provocou vomitá-la chamas, incendiando-a para transformar em terra cultivada. Um dos maiores trabalhos do herói, a inauguração da Agricultura como trabalho no campo passou ser o primeiro significado expresso

FROM THE GREAT FOREST
OF NEMEA TO THE POETIC
TRANSMUTATION OF HERCULES:
THE FIRST AGRICULTURE OF THE
WORLD

ABSTRACT: The article aims to define, in Giambattista Vico's (1668-1744) work *New Science*, the first form of understanding: there is a poetic relationship between Man and Nature, not a philosophical relationship between Subject and Object. Thinking about the beginning of the construction of the social world was only possible poetically. This construction was poetic and allowed for a relationship of transmutation of universal fantastic meaning, enabling the development of knowledge. The starting point was poetic, just as Hercules, a mythological archetype, was identified as the founder of all nations and the first political being. The great forest was associated with the zodiac sign of Leo, slain by Hercules, who caused it to vomit

flames, setting it on fire to transform it into cultivated land. One of the hero's greatest labors, the inauguration of Agriculture as work in the fields, became the first expressed meaning between Man and Nature, allowing for the refinement of knowledge and going beyond the immediate need for the preservation of animal existence.

KEYWORDS: Poetic Transmutation; Hercules; Vico

INTRODUÇÃO



1

1. A pintura foi uma ilustração da origem do mundo social, constando na primeira página da obra-mestra *Princípios de (uma) Ciência Nova: Acerca da Natureza Comum das Nações* (1744). Foi encomendada por Giambattista Vico (1668-1744), a pintura passou a ser como uma gravura alegórica para introdução dessa obra-mestra. Apresentada em 1730 e aperfeiçoada em 1744 sob o autor e pintor Domênico Antonio Vaccaro (1678-1745) com contribuições de Antonio Baldi (1692-1768) e Francesco Sasone (1715-1805). Há uma menção do primeiro autor e pintor da pintura estava na obra Vico: *O Precursor* (FIKER, 1994, p. 78)

O artigo desenvolveu um caminho para realizar o objetivo. Este caminho seguiu um tipo de discussão, buscando as menções conceituais de Giambattista Vico (1668-1744) para conjecturar, analisar e justificar o título definido. Os caracteres poéticos (mitos) delimitados por Vico em sua obra-mestra, *Princípios de Ciência Nova: Acerca da Natureza Comum das Nações* (1744), abreviada por *Ciência Nova*, que conduziram ao significado de transmutação poética. Há uma mudança de nível a partir de uma decisão do autor napolitano em estudar o mundo social. O Hercules² foi pautado como um personagem político e de gênero universal, além do seu contexto mitológico de origem. Esse herói foi definido como o *primeiro homem* do mundo social e o principal personagem a iniciar um modo de relação, construindo as primeiras instituições sociais a partir de sua origem heroica (VICO, 2005, §14, pp. 15-16). A origem desse herói estaria fundamentada em princípios anunciados na principal obra do autor napolitano (*Providência divina, cerimônia matrimonial e ritual fúnebre*³). A abordagem desses princípios somente se tornou digna de discussão na obra-mestra de Vico, confirmando a natureza social do Homem e representando um levante contra o próprio tempo. Segundo autor napolitano, a obra-mestra não apenas apresentou os princípios fundantes do mundo social, mas também compreender como surgiu a primeira forma de entendimento, consolidando a primeira forma de socialização, sem adotar a um conhecimento profundo ou filosófico. Vico criticou tanto a filosofia antiga quanto a filosofia moderna em relação à origem da linguagem e sua função. Essa primeira forma de conhecimento só foi possível a partir de uma conexão peculiar com o saber em um tempo longínquo, sendo definida por ele como *sabedoria poética*⁴. Na concepção de Vico, o mundo natural e o mundo social não foram categorizados pela filosofia desde o início. A filosofia da modernidade defendeu uma racionalidade fundamentada na cognição de Deus,

2. Como Vico definiu o Hercules que: Cada nação gentia teve um seu Hércules, que foi filho de Júpiter; e Varrão, doutíssimo da antiguidade, chegou a enumerar quarenta (VICO, 2005, §196-197, p.129).

3. Segundo Vico, os *primeiros homens* ainda eram um pressuposto, antes da constituição do mundo social, definido por *gigantes de disformes forças e estaturas* (VICO, 2005, §13, p.15). Essa condição pré-histórica desses supostos gigantes foi modificando tanto mentalmente quanto corporalmente a partir dos três princípios da obra-mestra. Na concepção de Vico, a mudança de estado disforme foi possível sob os caracteres poéticos, alavancando a *virtude* como eficaz a partir da *piedade* e da *religião*, provocando uma medida de justiça e possibilitando homogeneidade na estatura, à luz de uma ideia de divindade. Os dois artefatos da pintura *arado* e *urna* foram colocados em posição perto do *altar*, representando os primeiros pais dos gentios, qualidade defendida por estado de *pai de família* como gentios mais fortes da História (VICO, 2005, §14, pp. 15-16). A transição entre a condição pré-histórica desse gigante disforme e a figura de Hércules vigorou somente a partir de princípios definidos abaixo. Conforme Vico, o Hércules foi regido a partir do: [...] primeiro princípio, acerca da providência divina, e do segundo, que é o dos matrimônios solenes-, a crença universal na imortalidade da alma, que começou com as sepulturas, é o terceiro dos três princípios sobre os quais esta Ciência reflecte acerca das origens de todas as inumeráveis, várias e diversas coisas de que trata. (VICO, 2005, §13, p. 15). Esse momento pré-histórico do estado de *pai de família* até a chegada do momento de Hércules (filho do *pai de família*) somente vigorou pela *piedade* e pela *religião*. Creditou o autor napolitano que o Homem até alcançar o momento de maturação de república e de leis, ainda não seria capaz de compreender o estado de coisa, os *primeiros homens* seriam o *pai de família* como um simulacro de Deus (VICO, 2005, §14, p. 17).

4. Vico aderiu no tempo dele à defesa de uma distinta metafísica (a *mulher alada*). No caso do autor napolitano, ele não propôs a demolição do edifício metafísico como era comum no tempo dele, ele buscou aproveitar bases satisfatórias desse edifício para realizar as melhorias. Assim, o autor napolitano definiu uma nova perspectiva de metafísica como: [...] a ciência sublime, que reparte os seus justos assuntos por todas as ciências que se dizem <subalternas>; e a sabedoria dos antigos foi aquela dos poetas teólogos, que, sem dúvida, foram os primeiros sábios do gentilismo, como se estabeleceu nas *Dignidades*, e as origens de todas as coisas devem por natureza ser grosseiras: devemos, por tudo isto, dar início à sabedoria poética a partir de uma sua metafísica grosseira, da qual, como de um tronco, se difundam, por um ramo, a lógica, a moral, a economia e a política, todas poéticas; e por um outro ramo, todas também poéticas, a física que terá sido mãe da sua cosmografia e portanto, da astronomia, que nos assegurará acerca das suas duas filhas, que são cronologia e a geografia [...] (VICO, 2005, §367, p. 203, grifo do autor)

valendo-se das ciências exatas – como a matemática e a geometria – e subjugando a vida prática do Homem similar às leis do mundo natural.⁵ Vico dedicou-se ao estudo do mundo social (da vida prática), expresso por caráteres poéticos, adequando à condição histórica da mentalidade dos *primeiros homens*. Na obra-mestra, o autor napolitano, ao defender a *sabedoria poética* dos *primeiros homens*, destacou a estátua de Homero posicionada ao lado do *altar* da pintura como representação do Homem em sua vida prática. Essa estatua simbolizaria, de maneira atenuada, o desenvolvimento dos estágios cognitivos da humanidade. O objetivo do artigo constituiu em investigar como seria possível fundamentar o conhecimento, exclusivamente a partir de seus próprios princípios, de modo compreender a vida do cotidiano de maneira autônima, indo além das limitações do tempo e do espaço. O primeiro contato do Homem com mundo foi uma criação poética, fruto da interação entre a percepção de si mesmo e o mundo natural, numa relação direta que refletiria as modificações da mente humana. Contra a dedicação da Filosofia da modernidade, que se dedicava muito ao estudo do mundo natural, Vico propôs a História como a principal fonte de conhecimento, fundamentada na experiência humana. Ele acreditava, a posição escolhida, que permitiria aproveitar melhor o desenvolvimento cognitivo humano no mundo social, reconhecendo uma racionalidade inerente à sua natureza do Homem. Essa visão levaria em consideração os estágios de desenvolvimento cognitivo ao longo do tempo, destacando a importância do contexto histórico na construção do saber humano. O *altar* da pintura da obra-mestra simbolizaria a origem do mundo social a partir da religião, representando o culto uma ideia de divindade. Sobre o *altar*, o *globo terrestre* (mundo natural) foi posicionado de modo que a metade ficaria apoiada. Essa posição desse globo quis simbolizar que faria jus o estudo somente de uma perspectiva, como a *teologia natural*, incapaz de abranger a complexidade e a totalidade da experiência (VICO, 2005, §342, pp. 182-183). Nessa pintura, o autor napolitano destacou a ausência de um estudo específico ao mundo social, apesar da presença dominante da Filosofia no cenário acadêmico. Ele argumentou que ainda faltava explorar a *teologia civil*, entendida como o reflexo da *Providência Divina* (VICO, 2005, §342, pp. 182-183) na organização e no desenvolvimento das sociedades humanas. Pensar sobre a origem do mundo social foi um desafio inédito para o autor napolitano. Esse estudo só passou a ser viável abordar o estudo quando adotou um método próprio e distinto daquele da modernidade, garantindo a validade de um modo de saber poeticamente construído pelo Homem, abarcando uma história das ideias humanas, ao integrar a experiência humana e o desenvolvimento cognitivo ao longo do tempo. Esse desafio foi alcançando gradualmente à medida que o autor napolitano estabeleceu uma relação de conhecimento entre Filosofia

5. De acordo com Vico, a Filosofia da modernidade seguiu, à luz de uma noção de Deus, a defesa de um modo de estudo para pensar o mundo natural e o mundo social a partir das reflexões dos filósofos sobre as ideias humanas. Assim diz o autor napolitano: Tal como a metafísica dos filósofos faz por meio da ideia de Deus o seu primeiro trabalho, que é o de esclarecer a mente humana, que necessita da lógica para que com clareza e distinção de ideias forme os seus raciocínios, com o uso dos quais desce a purgar o coração dos homens [...] (VICO, 2005, §502, p. 327). Enquanto, a metafísica poética de Vico abarcou a condição histórica dos *primeiros homens* que incapazes para adotar a lógica da cognição de Deus dos filósofos. Foi sabido que a metafísica poética pautou a partir dos sentidos como diria Vico, ainda que partissem dos: [...] falsos na matéria, porém verdadeiro na sua forma [...] (VICO, 2005, §502, p. 327). No entanto, o autor napolitano alegou que foi benévolos [...] o bom uso da cognição de Deus [a partir da metafísica poética], é necessário que as mentes se aterrorizem a si mesmas [...] (VICO, 2005, §502, p. 328) como único remédio para garantir o gênero humano agir virtuosamente ao longo do tempo.

e Filologia⁶, integrando-as de maneira nova. Essa aproximação permitiu alcançar o objetivo proposto: compreender a origem e o desenvolvimento do mundo social por meio de uma abordagem que integraria a atividade filosófica à análise dos caracteres poéticos e das manifestações culturais. Vico atribuiu à obra-mestra a defesa de um estudo do mundo social, que expressaria de modo geral na pintura, com o intuito de explicar a origem de qualquer nação. A pintura ilustraria o modo de ser e saber dos primeiros povos, permitindo construir uma relação de transmutação poética do conhecimento dessa época longínqua. Essa transmutação aconteceu por meio do uso particular do sentido dos *primeiros homens*, desenvolvendo para a adoção de um gênero universal do sentido, o que Vico denominou de *universais fantásticos*. Nesse sentido, o autor napolitano defendia que a *poesia* tinha uma função social: era como um fingir com decoro dos *primeiros homens*, um saber poético que surgiria de forma unívoca a partir de suas experiências e percepções imediatas, e não de modo análogo como um saber compartilhado e profundo, característico de filósofos. Segue o que dizia Vico:

[...] os primeiros homens, como crianças do gênero humano, não sendo capazes de formar os gêneros inteligíveis das coisas, tiveram natural necessidade de fingir os caracteres poéticos, que são gêneros ou universais fantásticos, de referir a eles, como a certos modelos, ou então retratos ideais, todas as espécies particulares a cada um dos seus gêneros semelhantes; semelhança pela qual as antigas fábulas não podiam fingir-se senão com decoro. (VICO, 2005, §209, p. 133)

O estudo de Vico do mundo social possibilitou identificar uma nova perspectiva de análise do Homem, ao atribuir uma virtude específica à figura de Hércules, soerguendo-o ao status de principal arquétipo mitológico. Essa figura passou a representar uma consciência coletiva, simbolizando valores de ideais compartilhados ao longo do tempo. Nesse sentido, Hércules foi valorizado pelo autor napolitano como o fundador de cada nação gentílica. Vico acreditava que o arquétipo de Hércules representaria a primeira entidade política, ou seja, o criador do mundo social, simbolizando um modo de racionalidade social. A *selva do Léão de némea*, ilustrada na obra-mestra, assim como a *grande selva antiga* representaram o *globo terrestre* da pintura, ou, como queira, o mundo natural. Essa selva foi definida como uma transmutação poética associada ao signo zodiacal de *Leão*. Um signo que, por sua vez, foi interpretado como uma entidade viva que Hércules matou (ou transmutada poeticamente), ao provocar vomito de chamas, incendiou a *grande selva antiga*, transformando-a em terra cultivada e, assim, dando início à civilização. Nesse grande trabalho, o herói Hércules fundou a Agricultura, estabelecendo o primeiro local de convivência social, atenuando uma racionalidade de convivência.

6. Vico na ilustrativa pintura orientou para conhecer inovadora metafísica (poética) que a Filosofia e a Filologia deveriam adotar a partir do significado efetivo da *joia convexa* no peito da *mulher alada* (metafísica), pautando desde a origem da história das ideias do gênero humano, tendo em vista saber os: [...] primeiros homens, estúpidos, insensatos e horríveis bestiagias, deviam começar a reflectir todos os filósofos e filólogos sobre a sabedoria dos antigos gentios, isto é, dos gigantes [...] (VICO, 2005, §374, p. 211) quando a luz do raio da *providência divina* refrataria no final do percurso até a estátua de Homero.

A grande selva antiga transformou-se em um campo de cultivo e ordem social, representando a primeira esfera de importância para suprir as necessidades do Homem a partir do mundo natural. Essa transformação não somente permitiu o aperfeiçoamento do próprio conhecimento, mas também possibilitou ir além da necessidade imediata de preservação da existência, algo característico da vida animal, soerguendo o Homem a um status de desenvolvimento social e intelectual. O grande trabalho de Hércules não foi uma força predatória contra o mundo natural, nem contra a própria espécie. Esse trabalho foi senão um grande esforço de saber o desconhecido que condicionaria a condição humana de produzir conhecimento, além da sobrevivência. O esforço do trabalho gerou algo de novo (o saber poético) para ser possível adequar à vida prática, ou melhor, adaptar as condições presentes do mundo natural à necessidade de cada comunidade gentil. O pensamento da modernidade diferencia-se do pensamento sob a ordem poética, como se vê na noção do tempo, que pressuporia uma coleção de dados (abstração) e um controle prévio para análise sobre o mundo natural, abstendo-se de adotar assuntos próprios do Homem no mundo social. Na perspectiva da noção inicial do tempo, ainda quando era poético (primeira metafísica), o esforço representaria um despertar da mente coletiva do Homem por meio da Agricultura, simbolizando na prática e poeticamente a partir do segundo signo de zodíaco, *Virgem*. Segundo Vico, a *idade de ouro dos primeiros homens* não foi um tempo filosófico, capaz de gerar ideias humanas abstratas, mas sim um tempo poético, que despertou a consciência coletiva na mente do Homem quando ao criar o mundo social, marcando também a inauguração da Agricultura. Essa inauguração foi simbolicamente representada pela coroa de espiga de trigo na cabeça desse signo de *Virgem*, um tempo narrativo e poético que se inicia com o plantio. Para o autor napolitano, o Homem, por meio de uma linguagem simbólica e imaginativa, começou a conceber sentido ao mundo natural e a construir as bases da vida social, criando caracteres poéticos aos efeitos do clima do mundo natural e às práticas agrícolas.

A contagem no tempo relacionada ao plantio foi uma exteriorização da consciência coletiva, representando os primeiros momentos da Agricultura como uma prática que demandava um modo de organização e simbolismo. No caso da cultura do plantio, a colheita de trigo serviu como base para uma forma de categorização poética a partir do signo *Virgem*. Esse signo, associado à imagem de colheita e à coroa de espigo de trigo, refletiria o valor da reunião entre o trabalho humano e os ciclos naturais, transmutando, poeticamente, a atividade agrícola em uma forma de manifestação cultural e mitológica. A produção agrícola e trigo representaria atenção às necessidades práticas e imediatas de alimentar a primeira comunidade gentil. Há uma consciência coletiva construída que reuniria em torno dessa produção e de uma nova noção da terra como ambiente de morada e pertencimento. Sendo assim, a contagem temporal passou a ser compreendida de maneira mais profunda a partir das estações do clima, consolidada pelo sucesso da colheita de trigo, que se tornou o primeiro “ouro do mundo”. Essa contagem estaria associada ao ciclo agrícola, e não a uma abstração fundamentada nos dos astros ou nas órbitas celestes do zodíaco. Enquanto o estudo astrológico focaria no movimento dos planetas e signos, o fenômeno natural do

dilúvio foi o que fez despertar a consciência coletiva para narrar o plantio. Ao contrário dessa narrativa de órbita celeste, o evento catastrófico e universal do *dilúvio* foi um marco na memória coletiva dos *primeiros homens*, mencionado por Vico em sua obra-mestra. Foi um despertador da consciência coletiva que possibilitou organizar os plantios, uma condição comum e experimentada por cada comunidade gentílica, ainda que independente e isolada. Nesse sentido, o evento desse dilúvio representaria uma ocasião de caráter universal que marcou o início de uma contagem do tempo a partir da relação direta e prática com a terra e seus fenômenos naturais, não a partir de fenômenos celestes abstratos. A partir dessa experiência comum, os *primeiros homens* passaram a contar o tempo a partir das estações climáticas, períodos de plantios e colheita. Esse evento foi descrito pelo som de um estrondo, o trovão do raio no mundo natural, que, em distintas narrativas, assumiu um caráter divino e simbólico. Na tradição bíblica, o *dilúvio* foi considerado como uma ação punitiva de Deus, um castigo enviado para purificar a humanidade dos excessos. Na cultura da mitologia grega, a ação de Zeus quis mostrar a sua vontade e poder pelo raio, tanto para punir os mortais quanto para restabelecer o cosmo. Na concepção de Vico, os *primeiros homens*, por uma questão de curiosidade, quiseram saber como uma manifestação divina o que ela tinha a dizer (VICO, 2005, §377, pp. 213-314). O fator ocasional desse fenômeno natural de grandeza universal – o *dilúvio* e o estrondo do raio – transmutou-se, na condição histórica dos *primeiros homens*, em uma narrativa poética⁷, contada de forma diversa em todas as partes do *globo terrestre*. Esse evento, ao mesmo tempo catastrófico e revelador, oportunizou compreensão de um modo de tempo na mente do Homem ao buscar saber o que quer dizer (significar) por trás dos fenômenos naturais (VICO, 2005, §189, pp. 127). Nessa condição, os *primeiros homens* interpretavam a partir das suas naturezas [...] as coisas dúbias, ou seja, obscuras, que lhes dizem respeito e, portanto, as consequentes paixões e costumes (VICO, 2005, §220, p. 135). Uma condição que permitiu vigorar a origem do mundo social foi o fingir com decoro da fala divina dos *primeiros homens* como a figura do poeta teólogo, trazendo consigo o respeito autoral da criação, visto que os *primeiros homens* [...] quando não podem explicar nem mesmo por coisas similares, atribuem às coisas a sua própria natureza (VICO, 2005, §180, pp. 124-125). Na concepção de Vico, a construção de conhecimento foi considerada o trabalho de Hércules, à luz dos caracteres poéticos. Esse trabalho dependeria de uma adequação entre as necessidades do Homem e as condições concretas do mundo natural. Segundo o autor napolitano, o Homem possuía uma *curiosidade natural*, uma contínua busca por saber o significado de evento, ainda que seja ocasional. Essa curiosidade seria a [...] filha da ignorância e mãe da ciência [...] (VICO, 2005, §377, pp. 214-215) e, por via de saber poético, os caráteres poéticos foram criados para o entendimento comum da própria mente, abarcando modos de ser na vida prática. O resultado dessa experiência comum gerou uma espécie de apólice da ordem social e, que o *senso comum*⁸ seria uma adoção de um modo de agir por cada

7. Acreditou Vico na obra-mestra que o êxito operacional da mente humana somente passou a compreender algo a partir de um motivo (ocasião), ainda que advinha do sentido, usando as faculdades do engenho e da fantasia ao recolher elementos do sentido ultrapassaria com algo novo que não pertencesse ao próprio sentido para inteligir (VICO, 2005, §363, pp. 196-197).

8. Vico definiu o *senso comum* como a condição histórica dos *primeiros homens*, visto que [...] é um juízo sem reflexão

comunidade gentílica como afirmou o autor napolitano, quando o Homem [...] começou a pensar humanamente [...] (VICO, 2005, §338, p. 180). A *selva de némea* foi transmutada poeticamente e o responsável foi de uma ação concretizada por cada Hercules, permitindo o cultivo de cada selva, bem como a criação de uma objetividade poética para atender a necessidade de cada comunidade gentia. Como dizia Vico, a meta da condição humana na origem é poética e deveria ser considerada como *fundamento comum de verdade*, pois as uniformidades de ideia [...], nascidas no seio de povos inteiros, desconhecidos entre si, devem possuir fundamentos comum de verdade (VICO, 2005, §144, p. 111). Na obra *Mito e Metafísica* (1980) de Georges Gusdorf (1912-2000), o autor francês buscou enfatizar a importância dos mitos dos povos primitivos antes da Filosofia, o mito viraria de fonte inesgotável do pensamento humano, disponível ao longo do tempo. Segue o que dizia o autor francês:

O tempo dos mitos, pré-história da filosofia, é o tempo em que o mito reina sem rival e, pois, o tempo em que ele não é reconhecido como tal. A consciência humana afirma-se, desde sua origem, como estrutura do universo. [...] A mitologia é, como efeito, o repertório dos mitos de todas as idades e de todas as origens, destacados do seu contexto vivido, isto é, desnaturados. [...]

O mito está ligado ao primeiro conhecimento que o homem adquire de si mesmo e de seu contorno: mais ainda, ele é a estrutura deste conhecimento. Para o primitivo, não há duas imagens do mundo, uma “objetiva”, “real” e outra “mítica”, mas uma leitura única da paisagem. O homem se afirma ao afirmar uma dimensão nova do real, uma ordem nova manifestada pela emergência da consciência. (GUSDORF, 1980, p. 23)

Assim como pensou Gusdorf sobre a noção do tempo dos mitos, a terra cultivada de Hercules como ato criativo, à luz de Vico, condicionaria a nutrição poética de um solo metaforicamente, transmutando poeticamente num ambiente fértil para o surgimento dos mitos. O grande trabalho de Hércules começou agrícola, como um modo possível, o grande momento desse trabalho apareceria como o novo sentido a partir da terra cultivada, uma realidade de muitas, passando a ser não somente sob uma possibilidade de realidade, dando início na formação de laços sociais por toda a parte do *globo terrestre*, uma relação comum de *ordenar* e de *agir* na perspectiva de atividade prática dos primeiros povos. Essa maneira poética de relação social permitiu transmutar o sentido da terra, criando um sistema de cultura para além da descrição de um aspecto físico do mundo natural, bem como não se limitaria por uma busca do aspecto de produção para atender um determinado modo de interesse econômico. Pensar do ponto de vista filosófico seria um pensar dos modos de pensamento do Homem ao longo do tempo. Não seria uma situação casual convocar a atividade filosófica atenuando para o pensamento agrário. Pensar uma Filosofia da Agricultura seria possível, desde que considerasse como fonte de conhecimento nas modificações da mente humana a partir do cultivo da terra. Segundo Vico, a celebração dos jogos olímpicos não foi desenvolvida somente sob um aspecto esportivo, mas abarcaria sob uma manifestação religiosa. Há uma consciência coletiva (*senso comum*), reconhecendo a

alguma, comumente sentido por toda uma ordem, por todo um povo, por toda uma nação ou por todo o gênero humano (VICO, 2005, §142, p. 111).

vitória de Hércules como um prestar de conta para uma divindade máxima sobre o mundo natural, um valor humano como fim em si mesmo. O ato de agir inicial desse herói foi reconhecido pelo grande feito, um ato criativo e realizável no mundo natural. Esse ato bem-sucedido *não foi* apenas um evento isolado, ele também representou a supressão da necessidade de sobrevivência do Homem, não como se via na condição limitada de outros animais. A vitória desse herói, Hércules, criou os jogos olímpicos, confirmando-a como um símbolo de ir além dessa necessidade básica, e, nem por isso não negaria o valor intrínseco, nem o caráter subjetivo do mundo natural. No caso desse ato, a vitória de Hércules sobre o mundo natural expressou o valor ímpar do Homem, uma maneira como se fez possível ao longo do tempo viver e agir de modo significativo, ultrapassando um determinado condicionalmente de existência presente nos animais.

OS DOIS SIGNOS ZODÍACOS NA FAIXA DO *GLOBO TERRESTRE* QUE REPRESENTARAM A TRANSMUTAÇÃO POÉTICA, ATENDO COMO UMA FONTE DE CONHECIMENTO NO PENSAMENTO AGRÍCOLA

A pintura apresentou para o leitor dois signos zodíacos e artefatos na obra-mestra, a *Ciência Nova* (1744). Os signos escolhidos pelo autor napolitano foram: *Leão* e *Virgem*. Os artefatos (hieróglifos) e objetos simbólicos expandiram para a complexidade dessa obra, abrindo discussão por várias perspectivas de conhecimento. Esses artefatos e objetos simbólicos possibilitaram novas modalidades de pensamento. O artigo pretenderá, à luz de concluir-lo, delimitar, brevemente, acerca de alguns artefatos e objetos simbólicos, refletindo um pensamento agrário. Na pintura da obra-mestra, o autor napolitano selecionou itens como o *altar* (religião), o *globo terrestre* (mundo natural), a *mulher alada* (metafísica), o *raio de luz* (Providência divina), o *olho no triângulo* (Deus observador), o *Homero* (poeta), o *timão* (fâmulos)⁹ e o *arado* (artefato agrícola)¹⁰, a *urna* (funeral). Essa delimitação faria parte do arquétipo do pensamento agrário do mito de Hercules que somente foi possível a partir de uma transmutação poética.

A grande selva antiga, ou como foi definida por Vico, o *Leão de Némea*, ou a grande selva de némea. Esse leão foi descrito pelo autor napolitano como uma representação poética, um local não cultivado, nem habitável. Na mitologia grega, o animal passou a ter um corpo intransponível e não seria morto por um mero mortal. Foi feito pela deusa Hera, esposa e irmã do Zeus, conhecida como o tempo de Hera (do matrimônio e da

9. Segundo Vico, a figura de Hércules era de origem da nobreza e entendia o *fâmulo* como uma figura social de *origem bestial*, expressada na pintura como uma arquitetura poética de origem do mundo social. Essa figura bestial foi representada a partir do *timão* que: [...] está afastado do arado, que em frente do altar se lhe mostra hostil e com a ponta ameaçadora, porque os fâmulos, não tendo parte no domínio dos terrenos como se assinalou, pois estavam todos em poder dos nobres, fartos de dever servir sempre os senhores, depois de longo tempo, finalmente, manifestando-lhes as suas pretensões e, por isso, amotinados, revoltaram-se contra os heróis em tais referidas contendas agrárias, que se comprovarão bastante mais antigas e de longe muito diferentes daquelas que se lêem sobre a história romana mais tardia. (VICO, 2005, §20, p. 22). Um heroísmo muito diferente ao da origem do mundo social, pois os Hercules no início deveriam [...] dominar os soberbos e socorrer os periclitantes [...] (VICO, 2005, §18, p. 21)

10. Na constituição inicial dos laços sociais, o *arado* representou dois sentidos na posição do artefato sobre o caráter político de Hercules. Segundo Vico, o cabo do *arado* estaria: [...] com certa majestade na face do altar, para nos dar a entender que as terras aradas foram os primeiros altares da gentilidade; e para denotar igualmente a superioridade de natureza que os heróis acreditavam ter sobre os seus parceiros [...] (*fâmulos*) (VICO, 2005, §15, p. 17).

estabilidade). Na narrativa poética desse animal, o *Leão* criado pela deusa que habitava e atormentava a planície de Némea, situada numa unidade da Grécia, a Argólida. Euristeu, rei de Tirinto, passou o primeiro trabalho dos doze de Hércules para matar o *Leão*.¹¹

Vico realizou uma transmutação poética do local (Argélia), animando-o por uma entidade viva e sobrenatural, adotando a mitologia grega de um local particular para significar a passagem de comportamento paleolítico (nomadismo e caça) para neolítico, quando se fixou num determinado lugar, humanizando-o. A *grande selva antiga* se transmutou de modos de sentido, após a passagem de comportamento em campo cultivado, um espaço humanizado e coletivo, virando fonte de modos da vida do Homem a partir da Agricultura para alimentação da comunidade gentia. Assim como Vico usou poeticamente os signos de *Leão* e de *Virgem*, bem vale menção de uma passagem interessante de Peter Burke na obra *Vico*:

[...] não só deuses, como Júpiter e semideuses como Hércules, mas homens como Sólon, Hermes Trismegistus, Rômulo, o lendário fundador de Roma, e o poeta Homero eram todos interpretados por Vico como caracteres poéticos, que os homens inventaram [...] Vico sempre citava seus autores fora de contexto, ou usando trechos deles para seus próprios objetivos [...] (BURKE, 1997, p. 59)

Em contraste ao pensamento de Vico, o uso da dúvida cartesiana (*cógitio*) não seria possível validar o feito do Homem no tempo longínquo do mundo social, *o tempo dos mitos* como diria Gusdorf. O pensamento somente se fez e começou poeticamente até alcançar estágio do pensamento filosófico sobre as ideias humanas. A maturação do pensamento do autor napolitano começou após nove anos em Vatolla. Ele se graduou em direito pela Universidade de Nápoles, ocupando um cargo de professor de retórica. Uma das publicações, Vico intitulou a obra de *O método de estudos de nosso tempo* (1709), abreviada por *De ratione*. Uma das aulas inaugurais ofertadas em cada ano letivo. Essa obra possuía um caminho de crítica contra a postura dos modernos. O autor napolitano buscou na obra aproveitar melhor um equilíbrio na produção de conhecimento entre os antigos e os modernos. No caso da crítica contra os modernos, o interessante que Vico não aprovou adotar o uso do método cartesiano no mundo natural, recusando o uso de método analítico na mecânica, o uso de método dedutivo na medicina, bem como o uso de métodos das ciências naturais para assunto da vida prática do Homem. Outra obra publicada, Vico intitulou de *A antiquíssima sabedoria dos itálicos* (1710), abreviada por *De antiquissima*. O autor napolitano ainda creditava numa suposta filosofia ou conhecimento profundo a partir de estudos etimológicos dos antigos italianos. Nessa obra, Platão (428-347 a.C) passou a ter relevância na questão de saber sobre a origem e a natureza da linguagem, bem como Francis Bacon (1561-1626) que creditou aos mitos clássicos como uma fonte de saber remoto perdido¹². De outras obras publicadas, Vico intitulou de *Direito Universal*

11. Uma obra de importância que relatou o *Leão de Némea* foi o do autor Karl Kerényi (1897-1973), *A Mitologia dos Gregos* (2015). Acreditou o autor húngaro que o mito fosse uma necessidade universal para os gregos. O autor mencionou no subcapítulo 11. *Os Doze Trabalhos de Hércules*, tomando o leão como um animal de localidade (KERÉNYI, 2015, pp. 136-138).

12. A redefinição da função da *poesia* como social a partir dos caracteres poéticos que surgiu como contraponto a uma suposta sabedoria inatingível, defendida entre os antigos e os modernos (VICO, 2005, §384, p. 220). Vico descobriu que os três princípios desses caracteres poéticos e os trabalhos dos poetas que diferiram a dessa sabedoria inatingível.

(1720-1722), originando três volumes. Nessa obra, o autor napolitano buscou adequar a história das línguas e a das coisas, à luz de uma tese relação de platonismo-cristão e de científicismo jurídico. O conceito mais anunciado de Vico foi o *verum-factum convertuntur*. Esse conceito perpassou metamorfoseando por cada obra, tomando uma noção mais próxima da realidade histórica de cada nação a partir da obra-mestra. Nessa obra, o autor napolitano procurou defender o seu pensamento e evitar um confronto sobre a autoridade da religião Católica. A construção poética do mundo social independia das *Sagradas Escrituras*. As menções dessas escrituras e personagens bíblicos não causaram maiores danos no núcleo do objeto de estudo. A preocupação do autor napolitano foi mostrar uma hipótese de consciência coletiva na vida prática, presente nas mentes poéticas dos povos primitivos como legítima e possível para o estudo, visando defesa de uma visão histórica do processo de humanizado do mundo social. Vico reconheceu a validade das ciências exatas (matemática e geometria), visto que o Homem demonstra, porque faz, porém não colocou no mesmo patamar do estudo do mundo social, ou da realidade histórica. O conhecimento do mundo social não está pautado nos sentidos como o conhecimento do mundo natural. Esse conhecimento se fez pela experiência coletiva que perpassaria pelo tempo. Conhecer a causa humana é o desafio de buscar saber o motivo de ser, o fim em si mesmo. É saber o porquê de um modo foi e não de outro modo como uma razão passível de conhecer o que estaria sempre ao alcance do Homem, conhecendo o interior das modificações da nossa mente ao longo do tempo. Foi uma tese do autor napolitano de valoração do conhecimento humano e não o do conhecimento do mundo natural. Vale a menção de uma passagem de Fiker na obra *Vico: O precursor*:

Para Vico, a mitologia era, enfim, uma pré-forma primitiva e necessária de conhecimento, da qual se originou nossa ciência. Ele enfatiza o significado civilizatório da religião, mostrando entre suas funções a de compensar as massas pela renúncia ao instinto para que haja vida social. Para o pensamento viconiano, ao contrário do que é defendido pelo Iluminismo, a origem das falsas religiões está num desenvolvimento necessário de caráter coletivo e não simplesmente na burla individual. (FIKER, 1994, p. 52).

Vico realizou o seu papel crítico de filósofo ao buscar um caminho diferente a da época. Adotou um caminho adverso para criar um simulacro das mentes dos povos primitivos. Ele criou um modo convidativo que o esforço da mente da época pudesse experimentar e adentrar nas mentes dos primeiros povos a partir da pintura. Assim, na descrição do autor napolitano, vale mencionar a *densa nuvem* no pano de fundo dessa pintura que não impediu a expansão do *raio de luz* do olho de Deus (observador), que refratou a luz na joia da metafísica (a *mulher alada*) até atingir a estátua de Homero (poeta), iluminando-a o contorno. Essa metafísica foi representada por uma *mulher alada* como a rainha das ciências (VICO, 2005, §347-348, pp. 185, 186-187), localizada por cima do *globo terrestre* que, por sua vez esteve posicionado a parte no *altar*. A luz refratou além do peito dessa mulher

Nessa descoberta, o autor napolitano defendeu uma nova concepção de *poesia*, resultante desses caracteres que deviam ser principiados a partir de: [...] fábulas sublimes apropriadas ao entendimento popular e que perturbem excessivamente, para conseguir o fim, a que ela se propôs, de ensinar o vulgo agir virtuosamente, como eles a si mesmos o ensinaram [...] (VICO, 2005, §376, p. 213).

alada até a estátua do verdadeiro Homero por causa da joia convexa como quis defender o autor napolitano, apresentando símbolos e artefatos fundamentais para a consolidação do mundo social. Foi o tempo de uma metafísica poética, permitindo a transmutação poética da *grande selva de némea*, uma metafísica distinta (uma *joia convexa*) a das metafísicas dos filósofos (uma *joia plana*) (VICO, 2005, §5-6 p. 7). Enquanto a *joia convexa* atenderia a história das ideias humanas como todos os estágios cognitivos e históricos (uma questão social); a *joia plana* atenderia somente quando os filósofos começaram a refletir sobre as ideias humanas como uma questão moral, apenas reflexiva. Vico inovou na explanação da sua proposta de conhecimento. As posições dos artefatos dessa pintura significariam um sentido próprio, uma combinação engenhosa para legitimar o mundo social. A posição do *globo terrestre* pela metade no *altar* faria alusão que ainda o estudo do mundo social não foi adotado pelos próprios princípios que, por sinal eles estariam presente nas modificações da mente humana como a de Hércules. O mundo natural foi definido como a criação de Deus e o mundo social aguardaria um modo adequado de estudo pelo Homem, visto que foi o criador desse mundo (VICO, 2005, §2, pp. 3-4 e §331, pp. 171-172).

Alertava Vico que o estudo do mundo social foi negligenciado ao longo do tempo no método e no objetivo e, por isso o *globo terrestre* esteve posicionado na pintura pela metade no *altar*¹³. No uso dessa pintura, o autor napolitano representou o mundo natural pelo *globo terrestre* no *altar* que, por sinal foi reduzido por dois signos do zodíaco: *Leão* e *Virgem*. Hércules protagonizou o emergir de um pensamento agrário quando matou a fera e criou um ciclo de contagem de plantio a partir da espiga de trigo como relatou Vico, a coroa na cabeça do signo de *Virgem*. Hercules realizou do seu trabalho uma síntese poética entre espaço e tempo por toda a parte do *globo terrestre*. Segue a citação:

Na faixa do zodíaco que cinge o globo terrestre, mais do que os outros, comparecem em majestade ou, como dizem em perspectiva, apenas os dois signos do Leão e da Virgem, para significar que esta Ciência, nos seus princípios, contempla primeiramente Hércules (porquanto se comprova que toda a nação gentia antiga refere um, que a fundou); e contempla-o no maior dos seus trabalhos, que foi aquele em que matou o leão que, vomitando chamas, incendiou a selva némea, e de cuja pele ornado, Hércules foi elevado às estrelas (leão esse que aqui se comprova ter sido a grande selva antiga da terra, à qual Hércules, que se comprova ter sido o caráter dos heróis políticos que devem ter vindo antes dos heróis das guerras, pegou fogo e transformou em cultivado) [...] (VICO, 2005, §3, pp. 4-5)

Os princípios que orientariam a obra da *Ciência Nova* (*Providência divina* com o *raio de luz*, *cerimônia matrimonial* com *altar* e *ritual fúnebre* com a *urna*), bem como cada nação de gentios, à luz da figura de Hércules. O primeiro princípio seria de cada nação

13. Essa negligência originou do estudo indiscriminado sobre o mundo natural, levando tal estudo para assunto humano que não seria apropriado, um estudo a partir das ideias humanas pelos filósofos como diria Vico. Nesse caminho, o estudo assim como realizado no mundo natural cometaria um anacronismo de pesquisa sobre o mundo social, devido o inconveniente de verificar a obscuridade dos princípios e os inúmeros costumes. Ao contrário do autor napolitano que defendeu o estudo próprio, buscando a condição histórica dos *primeiros homens*, ao não recusar estudo mesmo [...] na deplorada obscuridade dos princípios e nas inumeráveis variedades dos costumes das nações, não se podem desejar aqui provas mais sublimes sobre um argumento divino que contém todas as coisas humanas, do que estas mesmas que nos dão a *natureza*, a *ordem* e o *fim*, que é a conservação do gênero humano. (VICO, 2005, §344, p.184, grifo nosso)

possuidora de uma ideia de divindade. O segundo princípio regularia as paixões bestiais a partir de rituais matrimoniais. O terceiro princípio manifestaria o enterro do membro no local, simbolizando o significado de pertencimento, de onde veio. Esses três princípios estão correlacionados.¹⁴ Um dos mais importantes dos princípios dessa obra, a *Providência Divina* foi considerada como algo imanente no Homem, ou melhor, algo do interior das modificações da nossa mente. Essas modificações se deram na condição concreta da vida prática, não são pensadas isoladamente e independente das faculdades humanas como um exercício do pensamento solipsista (metafísico dos filósofos) que existe somente o *eu* e as suas sensações, uma denominação de metafísica da razão abstrata como a *joia plana*. Vico não apoiou o método da Filosofia da época, alheio à vida prática do Homem no mundo social. Os Hércules de cada local foram os responsáveis pelos:

[...] primeiros domínios da terra, cujos senhores foram chamados <gigantes> (palavra essa que em grego significa o mesmo que <filhos da terra>, isto é, descendentes dos sepultados) e portanto, consideraram-se nobres, avaliando com a ideias justas, naquele primeiro estado das coisas humanas, a nobreza de terem sido ele humanamente gerados no temor da divindade; para esta maneira de gerar humanamente e não de outro modo, como adveio, foi assim denominada a <geração humana> [...] (VICO, 2005, §13, pp.14-15)

A busca de outro modo de estudo, Vico denominou de *nova arte crítica* (VICO, 2005, §143, p.111), aproximando entre a Filologia¹⁵ que [...] observa autoridade do arbítrio humano¹⁶ [...] e a Filosofia que [...] contempla a razão [...] e, consequentemente a ciência do verdadeiro (VICO, 2005, §138-140, p. 110). Essa aproximação evitou recair nas duas vaidades do conhecimento; uma foi a das nações que defendiam ser a mais antiga, devido às comodidades mais úteis e outra foi a dos doutos que definiram o próprio saber desenvolvido como o mais antigo, um *devir saber* por todos como o mais antigo.

Vico garantiu pelo uso da *nova arte crítica* validar o estudo do mundo social a partir da origem, um tempo remoto e histórico que foi posto similar a uma fase cognitiva de criança¹⁷. Nessa árdua pesquisa, o autor napolitano defendia que o Homem não teria acesso ao mundo natural como Deus. O limite de conhecimento do Homem estaria estabelecido, à

14. Essa correlação foi bem esclarecida por meio de uma passagem conhecida de Ernesto Grassi da obra *Humanismo e Marxismo: Crítica sobre a independência da Ciência* (1977): Na ação de Hércules, Vico viu fundadas todas as instituições humanas: a agricultura (que representa a vitória sobre a natureza externa), o matrimônio (como superação das paixões puramente sensuais, isto é, da natureza ‘interna’ ao homem), o enterro dos mortos. (Vico deriva ‘humanitas’ de ‘humare’, enterrar). O culto fúnebre aos antepassados e a larga permanência num mesmo lugar, dando origem à fundação das primeiras instituições sociais e políticas; como, por exemplo, o direito de propriedade e da configuração política da comunidade. (GRASSI, 1977, p. 159, tradução nossa)

15. Vico definiu a Filologia como uma área de atuação para: [...] gramáticos, historiadores, críticos, que se ocuparam da cognição das línguas e dos fatos dos povos, tanto em casa, como são os costumes e as leis, como fora, tal como são as guerras, as pazess, as alianças, as viagens, os comércios. (VICO, 2005, §139, p. 110)

16. Pensamento de Vico na obra-mestra defendeu que Filologia e Filosofia deveriam observar o *arbítrio humano*, ainda que fosse uma natureza muito incerta, visto que: [...] certifica-se e determina-se com o senso comum dos homens acerca das necessidades ou utilidades humanas, que são duas fontes do direito natural das gentes [...] (VICO, 2005, §141, p. 111).

17. O esforço de Vico obteve sucesso quando aproximou a primeira fase da humanidade a partir da condição cognitiva das crianças, pois elas: [...] são poderosamente boas no imitar, porque observamos muito frequentemente divertirmo-nos a semelhar aquilo que são capazes de aprender. [...] (VICO, 2005, §215, p. 134). O entendimento da condição do gênero humano a partir da origem do mundo social, tendo como similar a condição cognitiva da criança que compreendida como estágio inicial de cognição, porque ambas as condições experimentariam uma [...] memória vigorosíssima [...], tutelada pela *fantasia*, uma [...] memória dilatada ou composta [...] (VICO, 2005, §211, p. 134). Vico analisou um determinado valor da *poesia*, não somente sob o aspecto da imitação a partir de Homero (VICO, 2005, §216, p. 134), visto que descobriu um valor social, à luz dos primeiros homens. Esses homens da origem do mundo social fingiram para si mesmos, criando coisa como algo independente. A denominação de *poeta*, que em grego, segundo autor napolitano, o *poeta* significaria como criador. (VICO, 2005, §376, p. 213).

luz da noção de Deus como criador, definindo-o até onde o Homem pode conhecer, o autor napolitano discorreu assim, visto que não saberia [...] o verdadeiro das coisas [...] ou essência delas pelo [...] intelecto com a ciência [...]. Esse Homem de origem do mundo social conformou o próprio *ânimo* à [...] consciência [...]. (VICO, 2005, § 137, p. 110). O Homem de origem do mundo social viveu um estado pleno de robusta ignorância, Vico reconheceu que ele fez de si mesmo, [...] a regra do universo [...] (VICO, 2005, § 120, p. 105). Uma condição humana experimentada ao longo do tempo remoto que foi anterior à faculdade do juízo de qualquer filosofia, visto que [...] quando os homens não podem fazer qualquer ideia sobre as coisas longínquas e desconhecidas, avaliam-nas a partir das coisas que lhes são conhecidas e presentes. [...] (VICO, 2005, § 122, p. 106). O momento de origem do mundo social foi útil e compreensível na condição dos *primeiros homens* pelo uso de caracteres poéticos. Vico defendia um cuidado epistemológico entre Filologia e Filosofia no que diz respeito à compreensão dos laços sociais constituídos, visto que as [...] coisas fora do seu estado natural, nem se estabelecem nem duram. [...] (VICO, 2005, § 134, p. 109). Nessa linha, o pensamento somente vigoraria continuamente e concretamente no cotidiano, se ele se faz no contexto da realidade, dentro do seu estado de coisa no seu tempo e na sua circunstância. Segundo o autor napolitano, o estado das coisas não seria senão no seu estado natural, visto que [...] não é senão o seu nascimento em certos tempos e em certas circunstâncias que, sempre que são tais, as coisas nascem tais e não outras. [...] (VICO, 2005, § 147, p. 113). E, por isso, Vico projetou uma arquitetura da pintura, focando na origem do mundo social até a inauguração da academia, que refletiria o desenvolvimento cognitivo desde a condição inicial até a maturação do Homem a partir de construções dos espaços sociais e instituições, acompanhando as mentalidades. Assim que começaram, primeiramente, [...] existiram as florestas, depois os campos cultivados e os tugúrios em seguida as pequenas casas e as vilas, logo as cidades, finalmente as academias e os filósofos (VICO, 2005, § 22, pp. 24-25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível pensar, a partir da perspectiva de Vico, em uma transmutação poética da *grande selva de némea*, transformando o *globo terrestre* em um espaço de ordem social e humanizado. O trajeto foi projetado na pintura para pensar o principal personagem, Hércules. A defesa de uma metafísica que cobrisse toda a história das ideias humanas e não quando os filósofos começaram a refletir sobre as ideias humanas, a metafísica dos filósofos. Vico defendeu uma metafísica que oportunizasse o estudo a partir da condição histórica, não uma metafísica contemplativa. A escolha pela *joia convexa* indicou uma nova direção de estudo, recusando a metafísica dos filósofos como pura contemplação e desconectada da vida prática. O desenvolvimento prático da racionalidade e do cognitivo na História, respeitando as modificações da mente humana ao longo do tempo, tendo em vista as condições materiais e culturais, conforme o tempo que o Homem estaria inserido e não uma concepção estática do Homem. O autor napolitano estabeleceu um

modo de verificação a partir da *nova arte crítica*, adotando as condições históricas e os princípios de origem do mundo social como fundamentos para a compreensão e o estudo da humanidade. Esses princípios de origem que regeriam o mundo social e a História a partir da análise dos caracteres poéticos, das práticas culturais e das instituições. É uma relação contextualizada do Homem no tempo, tendo em vista sustentar as bases da ciência humana que valorizariam o desenvolvimento do cotidiano humano e o desenvolvimento do mundo social. Na metafísica dos filósofos, o formalismo lógico - seja no método dedutivo, que começaria de princípios gerais para alcançar a conclusões específicas, seja no método intuitivo, que adotaria de observações particulares para generalizações. Essa metafísica de filósofo como em comum acordo buscou eliminar a linguagem de imagem, ou seja, a linguagem poética ou simbólica, focando uma linguagem científica no lugar, desprovida de suposta subjetividade, porque defendia uma perspectiva fixa da lógica, sem espaço para algo novo, visto que a conceituação seria previamente definida e atemporal. Nesse sentido, Vico recusou a perspectiva da metafísica dos filósofos que defendia uma lógica formal a partir de rígidos conceitos, de regras e de imediatez da intuição, porque a mente humana também seria criativa e melhor adaptável para os assuntos do mundo social, podendo criar possibilidades de realidade como novos sistemas de cultura, por meio de caracteres poéticos como linguagem poética. A crítica de Vico à metafísica dos filósofos recaria na questão do enfraquecimento e no saber do limite da razão que não deveria fundamentar somente ao formalismo da lógica, mas buscara uma parceria com a capacidade criativa, tendo em vista o entendimento do novo e do inesperado para atender a expectativa da humanidade, um projeto de interação entre razão, imaginação e experiência. Na defesa de outra fonte de conhecimento, Vico buscou saber os caracteres poéticos por inferência como características comuns (semelhantes) em relação às necessidades como um método ser adotado para conhecimento, sempre reportando às coisas novas e diversas. Essa decisão tomada – de valorizar a linguagem poética e a criatividade da mente humana - representaria adoção de um modo diferente a do método intuitivo e a do método dedutivo, almejando um caminho novo de estudo, reconhecendo a complexidade e a diversidade do pensamento humano. Hércules, figura poética e civilizatória, representaria um desse aspecto de caracteres poéticos do Homem como primeiro ser político e fundador de terra cultivada, ou melhor, o criador da primeira Agricultura e as primeiras formas sociais. A transmutação poética não seria apenas simbólica ou a partir dos sistemas de cultura, mas também representaria uma produção material da realidade. Hércules seria um símbolo dessa transmutação, representando o desenvolvimento do Homem ao longo do tempo. Nessa direção, Hércules estaria na memória coletiva, expressando o esforço e a criatividade para superar os desafios do mundo natural. Acreditou o autor napolitano que a linguagem poética, entendida a partir de um ato criativo (fantasia e engenho), não deveria ser limitada a um tipo de código linguístico, como defendia a linguagem científica pela metafísica dos filósofos. O Homem fixado somente conceitualmente pela metafísica dos filósofos passaria ser banal e insuficiente para atender a experiência humana e a busca de novas necessidades ao longo do tempo. Não contribuiria compreender o Homem ao retirá-

lo do seu tempo e do seu lugar. A compreensão das modificações da mente humana ao longo do tempo dependeria do mundo natural, conforme o modo de uso do trabalho como Hércules fez, adequando à necessidade humana, vide uma relação concreta e material, ao projetar uma contínua criatividade para alcançar descobertas no mundo natural, conforme apresentasse desafio surgido de cada fenômeno natural. Nesse sentido, a metafísica dos filósofos para o assunto humano do mundo social passaria ser insuficiente e inadequada. Na metafísica de Vico, a ordem do mundo social deveria assemelhar com a ideia de Deus, o Criador, não como uma verdade revelada e eterna, mas a partir de um ensino de virtude como Hércules a partir dos caracteres poéticos. A metafísica de Vico defendeu delimitar a própria razão humana no espaço do mundo social como sistema multipolar da cultura e ao mesmo tempo conseguiu ultrapassar sistema unitário de Filosofia fechada.

REFERÊNCIAS

- BULFINCH, Thomas. *O Libro de Ouro da Mitologia: (Idade da Fábula): Histórias de Deuses e Heróis*. Rio de Janeiro: 27^a ed. Ediouro, 2002.
- FIKER, Raul. *Vico: O Precursor*. São Paulo: Moderno, 1994.
- GIRARD, Pierre. *Le Vocabulaire de Vico*. Paris: Ellipses, 2001.
- GRASSI, E. *Humanismo y Marxismo: Crítica de la Independización de la Ciência*. Madri: Editora Gregos, 1977.
- GUSDORF, Georges. *Mito e Metafísica: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Convivio, 1980.
- HUMBERTO, Guido. *Giambattista Vico: A Filosofia e a Educação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- KERÉNY, Karl. *A Mitología dos Gregos: A História dos Heróis*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.
- NOVO TESTAMENTO. *Bíblia da Família*. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.
- PETER, Burke. *Vico*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- VICO, G.. *Ciência Nova*. Tradução Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.
- . Del método de estudios de nuestro tiempo. In: *Obras: Oraciones inaugurales. La antiquísima sabiduría de los italianos*. Tradução Francisco J. Navarro Gómez. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002. pp. 73-124.
- . La antiquísima sabiduría de los italianos. In: *Obras: Oraciones inaugurales. La antiquísima sabiduría de los italianos*. Tradução Francisco J. Navarro Gómez. Barcelona: Anthropos Editorial, 2002. pp. 127-191.
- . El derecho universal. In: *Obras III*. Tradução Francisco J. Navarro Gómez. Barcelona: Anthropos Editorial, 2009.